

ESCRITAS DE SI: GÊNERO E SEXUALIDADE EM SUSPENSÃO

NEIL FRANCO
NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA

RESUMO

Analisando trajetórias de vida de sujeitos que atravessaram/atravessam ou permaneceram/permanecem na fronteira da construção do gênero e vivência das sexualidades, propomo-nos a uma reflexão de como essas construções epistemológicas que atribuíram, ao longo da história, as verdades sobre o humano conseguiram legitimar verdades acerca do masculino e do feminino. Como metodologia, a investigação consiste em uma revisão bibliográfica, com destaque especial para as autobiografias de Fernanda de Albuquerque e João Nery. Teoricamente, estabelecemos diálogos com as teorias pós-críticas do conhecimento. As biografias contextualizadas nos instigaram a pensar um conceito de gênero que não se distancia daqueles construídos e em construção por diversos estudos pós-críticos, inserimo-nos num movimento permanente de análise e reflexão das possibilidades de construção do humano e suas implicações na forma como diferentes possibilidades de se constituir como homem ou mulher afloram na contemporaneidade.

PALAVRAS - CHAVE

Gênero. Travesti. Transexual. Diferença. Biografias.

SELF WRITING: GENDER AND SEXUALITY IN SUSPENSION

ABSTRACT

Analyzing the life trajectories of subjects who crossed/are crossing or remained/remain on the frontier of gender construction and experience of sexualities, we propose a reflection of how these epistemological constructions that attributed throughout history truths about the human have been able to legitimize truths about the masculine and the feminine. As a methodology, the research consists of a bibliographical review with special emphasis on the autobiographies of Fernanda de Albuquerque and João Nery. Theoretically, we have established dialogues with the post-critical theories of knowledge. The contextualized biographies instigated us to think of a concept of gender that does not distance itself from those constructed and under construction by several post-critical studies, we introduce ourselves into a permanent movement of analysis and reflection of the possibilities of the construction of the human and its implications in the way that different possibilities of establishing oneself as a man or woman emerge in the contemporary world.

KEYWORDS

Gender. Transvestite. Transsexual. Difference. Biographies.

SOBRE OS AUTORES

NEIL FRANCO

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física (1994), Mestre (2009) e Doutor em Educação (2014) pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Departamento de Ginástica e Arte Corporal. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordena projetos de extensão nas áreas de Ginástica Geral e Danças de Salão. É líder do Grupo de Estudo e Pesquisa: Corporeidade[s], Culturas e Diferença. Investiga as relações entre Educação, Educação Física e diferença em diversos contextos, destacando-se as áreas de gênero, sexualidade, ginástica e dança.

NILCE VIEIRA CAMPOS FERREIRA

Professora na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT/Campus Cuiabá. Atua no curso de Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT/Cuiabá (Mestrado e Doutorado). Integrante dos conselhos editoriais e/ou científicos: Revista Pedagogia (UFMT), Revista de Educação Pública (UFMT), Revista Entre Parênteses (UNIFAL/MG), Revista Palobra (Universidade de Cartagena), Revista Educa (UNIR). Graduação em Letras e Pedagogia. Mestrado em Educação. Pós-doutorado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG), com estágio no Programa Intercalar de Doutorado em Educação na Universidade de Lisboa pelo Programa de Doutorado

Sanduíche no Exterior (PDSE-CAPES). Desenvolve pesquisas no campo da História da Educação Feminina e da Formação Docente; História das Instituições Escolares; Educação Rural; História da Educação Profissional e da Educação de Jovens e Adultos. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em História da Educação, Instituições e Gênero e do Centro Memória Viva do Instituto de Educação/CMVIE/Cuiabá/MT, que pode ser visualizado em <http://www.ufmt.br/cmvmv/> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3948893613479712>. <https://orcid.org/0000-0002-9165-0011>

SUBMETIDO EM
Novembro de 2016

APROVADO EM
Maio de 2018

Ao levantarmos fontes bibliográficas para uma investigação de doutorado em Educação que contextualizou sobre trajetórias pessoais e profissionais de professoras travestis, transexuais e transgêneros brasileiras, deparamo-nos com trajetórias de vida de sujeitos que atravessaram/atravessam ou permaneceram/permanecem na fronteira da construção do gênero e vivências da sexualidade. Esses sujeitos, pela via de seus corpos, colocaram/colocam em suspensão os princípios norteadores das hierarquias que predeterminaram/predeterminam histórica, social e culturalmente as possibilidades de existência do masculino e do feminino. Suas vivências registram confrontos incessantes na tentativa de refazer, desconstruir, ressignificar e redesenhar uma infinidade de elementos que compõem suas existências e que, na contemporaneidade, são atravessadas e forçadas pela diferença.

Nesse sentido, este ensaio bibliográfico se estrutura metodologicamente pelo entrecruzar de “escritas de si” (Venera 2016) ou trajetórias de vida de sujeitos que marcam/marcam suas existências como possibilidade de se constituir sujeito para além do hegemonicamente predeterminado como ser homem ou ser mulher, entendidos como construtos de significação e ressignificação de perspectivas acerca das determinações de gênero e das sexualidades.

No primeiro momento do ensaio, contextualizamos as trajetórias de Herculine Barbin, David Reimer e Agnes, utilizando autores/as que já estruturaram problematizações sobre esses sujeitos, portanto propomos uma releitura dessas fontes à luz das teorias contemporâneas do conhecimento que propõem, em especial, refletir sobre os processos de significação dos sujeitos pela via da linguagem. O intuito é problematizarmos essas construções dissidentes do gênero e das sexualidades já consagradas teoricamente para, em seguida, tentar estabelecer aproximações e/ou distanciamentos com duas autobiografias brasileiras, quais sejam, Fernanda de Albuquerque, a Princesa (Albuquerque; Jannelli 1995) e João Nery (Nery 2011). Tal escolha se justifica por ambas as autobiografias serem consideradas as primeiras obras que abrangem o universo *trans*¹ na perspectiva do feminino e do masculino. Tais obras também representam a demarcação de demanda de reconhecimento de construção do gênero que foge ao padrão heteronormativo vigente.

Nessa direção, nossa metodologia de investigação se define dentro de uma abordagem qualitativa pelo entrelaçamento de fontes bibliográficas e autobiográficas, o que nos aproxima de uma proposta de estudo de revisão bibliográfica.

A autobiografia e a biografia envolvem aspectos relacionados à memória, portanto, diferentes vozes sociais irão estruturar o discurso sobre uma vida. Esse discurso pode ser materializado por meio da história como acontecimento ou por meio da ficção (Venera 2016: 49).

Compreendemos a pesquisa qualitativa como uma atividade situada, composta por práticas teóricas, materiais e interpretativas que localiza o/a observador/a no mundo, assim como oferece visibilidade a esse mundo. Investiga-se a vida social tentando entender e interpretar os significados que são atribuídos aos fenômenos sociais (Denzin; Lincoln 2007). Para este estudo, as autobiografias consistem do fenômeno social a ser

1 A expressão “universo *trans*” foi sugerida por Marcos Benedetti (2005), no intuito de possibilitar a ampliação do leque de definições no que tange às “transformações do gênero”, abrangendo as “personificações” de gênero polivalente, transformado e modificado. Ressaltou, ainda, a intenção de contribuir para a ampliação do conhecimento acerca dessas pessoas que “[...] cruzam e deslocam as fronteiras do gênero, afastando-nos das imagens exóticas e das perspectivas vitimizantes que ainda são correntes no senso comum” (Benedetti 2005, p. 17).

investigado e interpretado, na tentativa de compreender as relações estabelecidas nas dimensões do gênero e da sexualidade.

Elucidamos, com isso, uma das vertentes epistemológicas que, possivelmente, sinalizou para a tentativa de compreender a construção do que, nesse texto, procuramos identificar como humano. Michael Foucault (1990) destacou os séculos XVIII e XIX como períodos de retomada do modelo clássico de ciência, fundamentado nos princípios da matematização, objetivação e verdade. Verdades “aproximadas” mas que, na sociedade moderna, efetivaram-se como verdades absolutas, ancoradas nos princípios das ciências biológicas, econômicas e filológicas. Com isso, tudo que existia no mundo, inclusive o ser humano, foi submetido aos processos de observação, representação, experimentação e classificação, princípios inicialmente adotados pelas ciências empíricas. Em seguida, também impostas às ciências humanas, consagrou-se a objetivação do que por essência é subjetivo: o ser humano.

As verdades históricas e cientificamente construídas sobre o humano não conseguiram, contudo, fazer do homem/mulher uma verdade única e absoluta. O grande obstáculo encontrado pela ciência foi o desejo humano, que não pode ser processado de forma matemática ou exclusivamente biológica. O desejo retrata a multiplicidade de dimensões, diversas em sua composição, que constituem homens e mulheres. Por mais que os desejos sejam submetidos/as constantemente aos processos de compartimentalização, ordem e disciplina, permanecem díspares em sua complexidade (Gallo 2000).

Justificamos, assim, a urgência de outras metáforas para pensarmos na construção do conhecimento humano que possa atender às demandas ressaltadas por uma realidade constituída por vivências híbridas, que trazem à tona problemas híbridos, vivências sociais que passam a definir-se como pertencentes a um ‘não lugar’.

2 - CONCEPÇÃO DE NÃO-LUGAR

Sílvio Gallo (2000) sugeriu que o desejo e a subjetividade humana são os pivôs do desmantelamento da linearidade da estrutura objetivada de saber predominante na concepção moderna de sujeito e sociedade, evidenciando que algo sempre escapa ao instituído como fixo, imutável, verdadeiro, geralmente, pela via do desejo, o que faz de cada história humana um evento distinto; elucida e deixa marcas particulares em cada sujeito. Para alguns/algumas, essas hierarquias não conseguem de todo calar, ocultar e ignorar suas subjetividades, produzindo seres ‘sem lugar’, que nos dizem muito mais do humano do que historicamente explicitado e ensinado pela ciência. O ‘não-lugar’ fragmenta e desestabiliza as verdades universais.

Maria Rita César (2009) utilizou a expressão “não-lugar” como modo de situar os processos de recusa vivenciados por pessoas que, ao construírem seus gêneros e viverem suas sexualidades, destoam ou contrariam o padrão proposto pela “engenharia de produção de corpos normais” que rege as normas de gênero em nossa sociedade, como dito por Berenice Bento (2008). Com isso, a expressão “não-lugar” pronuncia um não pertencer, não ser autorizado e, com isso, o se colocar e ser colocado/a fora das possibilidades da existência humana (Butler 2003).

Inspirado nessa concepção de não-lugar, concebemos a expressão “humano” como a possibilidade de pensar no ser homem ou ser mulher fora da tríade sexo-gênero-sexualidade. Ponderamos possibilidades de deslizamentos, instabilidades, rasuras, identidades fluidas e movediças, das metamorfoses humanas. Como preconizado por Guacira Louro (2004), interessam-nos, sobremaneira, as metamorfoses do humano que incidem diretamente no campo da constituição do masculino e do feminino.

Pautando-nos em conhecimentos produzidos da Antiguidade ao século XVIII, vemos que a humanidade foi constituída somente por um gênero, o masculino, na verdade, um sexo. A mulher era concebida como um “homem invertido”, possuidora de órgão genital idêntico ao do homem, mas posicionado de forma contrária em seu corpo, por alguma falha da natureza, constituindo-se, assim, imperfeita. Nessa teoria, denominada como “modelo de sexo único”, os estudiosos da Antiguidade anunciavam a possibilidade de mulheres se tornarem homens, caso sua região genital fosse exposta ao calor, resultando na expulsão do pênis (invertido) para sua posição correta. Nessa teoria, homem se tornar mulher é impossível, afinal, a tendência da Natureza é voltar-se para a perfeição, nunca fazer do perfeito, imperfeito (Laqueur 2000).

Após o século XVIII, efetivou-se a distinção científica dos sexos, o que hoje concebemos como gênero e seus respectivos órgãos genitais. Homem tem pênis e mulher tem vagina. A sociedade passou a configurar-se pelo “modelo de dois sexos”, que, evidentemente, não amenizou a crença cultural da superioridade do masculino em detrimento do feminino, assim como observado nas análises de Marilena Corrêa e Márcia Arán (2008) sobre a obra de Laqueur (2000).

A obra de Thomas Laqueur constantemente mencionada neste debate procurou demonstrar como a ciência moderna, matriz da biomedicina contemporânea, se constitui a partir da fabricação do corpo feminino como objeto privilegiado do conhecimento e do desenvolvimento científico e tecnológico. A sua hipótese fundamental é que, diferentemente da Antiguidade ou mesmo da Idade Média, que tinham como referência a obra de Galeno, na qual predominava o modelo do sexo único, a modernidade se caracteriza pela descoberta e invenção do modelo de dois sexos. Assim, o corpo feminino descrito por meio da ênfase nos *órgãos reprodutivos*, no *cérebro menor* e na *fragilidade dos nervos* foi fabricado para fundamentar o lugar inferior da mulher na sociedade, justificando a sua permanência no espaço privado (Correa, Arán 2008: 192, grifos no original).

Foucault (1999) ressaltou esse aparato científico que tomou consistência a partir do século XVIII, diferenciando fisiologicamente homens de mulheres. Especificamente, no final do século XIX, passou a distinguir, no universo social e cultural de construção do gênero e das sexualidades, o que seria considerado normal ou anormal, a partir de relações estabelecidas entre práticas afetivo-sexuais e diferenças biológicas expressas no corpo. A ciência, desconsiderando as múltiplas manifestações da subjetividade humana, definiu, ao longo da história, objetivamente a condição humana.

Em contraposição a esses princípios, pensar no corpo como instrumento de construção do sujeito na contemporaneidade levou-nos a considerar que “um corpo não é apenas um corpo, é também o seu entorno” (Goellner 2003: 29). O corpo ultrapassa a concepção estritamente biológica de se constituir de um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações e se define pelos significados sociais e culturais que a ele se inserem.

O corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (Goellner 2003: 29).

Reinventar, ressignificar ou, literalmente, reconstruir o que a cultura e a vida social elaboraram pautadas nas certezas que definiram o humano conduzem-nos a inter-

pretar o corpo como um espaço de reencontros. Concomitantemente, um território de afrontamentos de verdades que, ao longo da história, fizeram do corpo uma dimensão fixa e estável ou, como observou Judith Butler (2003), “simplesmente matéria”. Para ela, o corpo é uma estrutura imaginada, consequência/produto/efeito do desejo, e não a causa. Constituído e delineado, portanto, pelo discurso e pela lei, estabelecendo relações estreitas com o sexo e o gênero que, pensados também nessa perspectiva de consequências/produto/efeito do desejo, são o resultado de “encenações performáticas” que buscam a construção de uma aparência fixa dos corpos inspirados num modelo de masculino e feminino hegemonicamente descritos e validados como possíveis (Butler 2003; 2008).

Com isso, poderíamos nos perguntar se seriam o gênero e/ou as vivências da sexualidade certezas ou aproximações do que a cultura descreveu como ser homem ou mulher? Possivelmente, aproximações seriam a expressão mais coerente, uma vez que, ao longo da história humana, várias vidas representaram e representam o dismantelamento de uma concepção fixa e linear de existência, dizendo mais de ambiguidades.

Essas possibilidades ambíguas de construção do gênero e vivência das sexualidades levaram vários sujeitos a terem suas existências interpretadas como “estranhas”, “excêntricas” e “fora da norma”, sofrendo mais enfaticamente estigmas sociais em razão de se constituírem como sujeitos a partir do atravessamento ou permanência sobre as fronteiras do gênero e das sexualidades (Louro 2004). Isso colocou às avessas teorizações que, ao longo da história, atribuíram veracidade e reconhecimento de uma ciência do humano.

Tais argumentações situam como campo teórico de análise deste estudo as teorias pós-críticas do conhecimento, com especial destaque para o pós-estruturalismo afetado potencialmente pela teoria foucaultiana. Nessa perspectiva de análise, estruturamos as seguintes questões norteadoras: considerando o incisivo processo de sistematização das categorizações de gênero e de sexualidade que passam a tomar forma no panorama científico do século XIX, estendendo-se pelos séculos XX e XXI, poderíamos colocar em suspensão esses princípios de normatização do humano ao lançarmos um olhar sobre as biografias de pessoas que foram interpretadas como dissidentes do gênero e da sexualidade neste período? Nessa direção, enfocando o contexto brasileiro, as biografias de Fernanda de Albuquerque e João Nery desencadeiam processos de reflexão que contribuem para o entendimento das possibilidades deslizantes de construção do gênero e da sexualidade que emergem na contemporaneidade?

3 - SUJEITOS NA FRONTEIRA: HERCULINE BARBIN, DAVID REIMER E AGNES

Herculine Barbin foi um grande problema para a ciência do humano no século XIX. Nascida do gênero feminino em 1838, após o pai ter morrido, foi abandonada pela mãe e criada num convento, no qual se formou professora. Em 1860, uma junta médica na França diagnosticou em seu corpo um sexo masculino, o que levou o tribunal civil de Saint-Jean d’Angely a exigir a retificação de seu sexo e de seu nome na certidão de nascimento para Abel Barbin. Foi também obrigada a utilizar vestimentas masculinas e assumir os papéis sociais condizentes com esse gênero. Em 1868, Herculine se suicidou em decorrência do sofrimento desencadeado e pela incapacidade de se adaptar a seu novo sexo social (Houbre 2009; Bento 2008; Britzman 1999).

Herculine era um/uma hermafrodita, descrita na contemporaneidade como intersexual. Esses sujeitos, identificados/as na Idade Média como monstros meio-homens meio-mulheres, criaturas que se relacionavam sexualmente com o diabo, eram condena-

dos/as, executados/as, queimados/as e suas cinzas, lançadas ao vento. No século XVIII, a mistura dos sexos percebida no hermafroditismo assumiu importância secundária, evidenciando-se, pela classe médica, “conformação viciosa do aparelho genital” ou, ainda, um “erro do sexo” geralmente visualizado no nascimento, mas que também poderia ser revelado posteriormente, fato que se destacou, sobretudo no decorrer do século XIX, quando os médicos atribuíam a distinção dos sexos exclusivamente às gônadas encontradas, resultando, assim, nos testículos constituindo o homem e os ovários, a mulher (Houbre 2009; Leite Junior 2008). Concebemos que seria a confirmação da teoria dos “dois sexos” (Laqueur 2000).

Muito embora, naquele período, verdades científicas sobre o humano já pudessem ser colocadas em suspensão, Herculine entendeu que o único caminho para solucionar os conflitos vivenciados por ela seria a morte.

O meio médico que adquire então toda sua potência social impõe uma economia normativa estrita para tudo o que diz respeito ao corpo, ao sexo e à sexualidade. Esta bela elaboração normativa rui, contudo, apenas pela existência do indivíduo hermafrodita: ele representa, na realidade, para os médicos, um sexo impossível, um corpo dissidente, singularizado por um emaranhado do masculino e do feminino que eles tentavam desembaraçar, designando qual prevalece sobre qual (Houbre 2009: 20).

Os/as autores/as que discutem a vida de Herculine Barbin se inspiraram em Foucault (1982), que, ao encontrar seu dossiê nos arquivos do Departamento Público de Higiene da França, elaborou um discurso científico sobre o corpo e a vida. Um dos pontos privilegiados por ele seria quando Barbin, obrigada a se localizar num único sexo, evocou, na interpretação de Foucault, marcas de um passado em que vivia protegida no internato, conhecendo, estranhamente, um sexo único, vivendo, assim, no “limbo feliz de uma não-identidade”. (Foucault 1982; Andrade 2007; Albuquerque Júnior 2008).

Butler (2003) criticou enfaticamente essa perspectiva de Foucault, acreditando que Herculine, também chamada Alexina, provavelmente não viveria neste “limbo feliz”, pois seria como se permanecesse descolada daquela cultura que determinava o binarismo dos sexos para a condição humana desde o século XVIII. Segundo a autora, Foucault usou de um tom romântico para tratar do caso. Em suas análises sobre as vivências da sexualidade experimentada por Barbin junto às outras alunas do convento, apontou que, possivelmente, seriam experiências de lesbianidade. Butler (2003: 148) destacou que: “Ela/ele sabe que sua posição nessa troca é transgressiva, que ela é ‘usurpadora’ de uma prerrogativa masculina, como ela/ele diz, e que contesta tal privilégio até mesmo ao reproduzi-lo”. Durval Albuquerque Júnior (2008) não discordou dessa perspectiva de Butler, no entanto, sugeriu a construção por Herculine de “um território para habitar”, no qual não predominavam a monstrosidade e a anomalia como condição.

Daniel Andrade (2007), ancorado nas análises de Foucault (1982), destacou a forma como Barbin escapou de um saber/poder subjetivador que lhe determinava exclusivamente o universo masculino. Contrastando e recusando a subjugação que lhe impuseram os médicos e juizes, quando perguntada sobre qual era o seu verdadeiro sexo, ela/ele respondeu incisivamente: “Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?” (Foucault 1982). Segundo o autor, sua resposta-pergunta se configura, ao mesmo tempo, como resistência e transgressão, desarticulando “[...] a questão central do dispositivo da sexualidade, aquela que pergunta pela verdade do sexo e pela nossa verdade no sexo” (Andrade 2007: 244). A história de Herculine elucidou a afirmativa de Nietzsche (2003) de que a ciência passa “impiedosa e congelada” perante o sofrimento humano, pois, no entendimento do progresso científico como cultura, importam a ela somente os problemas do conhecimento.

Segundo Gabrielle Houbre (2009: 23), no final do século XIX, o/a hermafrodita deixou de ser interpretado como “monstruosidade” ou “erro da natureza”, passando a ser “apenas um ser desviado do desenvolvimento ordinário”. A autora encontrou na literatura médica sobre o hermafroditismo outros sujeitos que, como Barbin, ao serem classificados/as como do sexo oposto ao qual se construíram, recusaram prontamente sua nova localização de gênero. Os registros da classe médica francesa do início do século XX em relação a uma mulher identificada como L. S. ilustram esse fato: “Nosso sujeito ficou estupefato quando o informamos de seu sexo glandular masculino e declarou que perdemos o juízo. Nada mudou em seus hábitos e se considera simplesmente como uma mulher disforme, imprópria ao coito normal” (Houbre 2009: 25).

No entanto, outro problema apontado na interpretação dos médicos no século XIX se entrelaçou por entre as linhas que compõem o diagrama histórico do humano. Surgiram, naquele período, aqueles/as que, sem serem hermafroditas, contestavam seu sexo biológico em relação ao sexo social/cultural. Foram, possivelmente, interpretados/as como homossexuais, mas, na verdade, diziam mais de uma identidade de gênero transexual.

Em poucas palavras, os médicos lidam com meninos que, criados como meninas, reagem no geral como meninas - e vice-versa. Este fato compromete seriamente a famosa teoria da diferenciação dos sexos que eles mesmos conceitualizaram desde a segunda metade do século XVIII, e que liga estreitamente os dois sexos biológicos distintos a dois papéis sociais igualmente distintos (Houbre 2009: 23).

Assim como o século XIX demarcou as fronteiras possíveis e legítimas da sexualidade humana, foi no século XX, sobretudo na segunda metade, que o gênero enquanto expressão distintiva entre masculino/feminino, homem/mulher, assumiu legitimidade. Utilizado pela primeira vez em 1955 pelo psicólogo John Money, nos Estados Unidos, o termo gênero surgiu como a possibilidade de identificar efeitos sociais do sexo, assim como possibilidade de distinguir as categorias sexo e gênero, referindo o termo sexo exatamente aos aspectos biológicos da sexualidade humana e o termo gênero aos aspectos sociais construídos neste processo de identificação (Silva 2007). John Money, apoiado pelo psiquiatra Joan Hampson, desenvolveu a mais influente teoria a respeito da sexualidade humana iniciada em 1952: a teoria da neutralidade psicosssexual congênita dos andróginos. Defendendo a supremacia da educação em relação a fatores biológicos, Money tornou-se reconhecido pesquisador no Johns Hopkins Hospital, atuando na Unidade de Pesquisa Psicohormonal da Clínica de Estudos e Tratamento de Problemas Andróginos.

Nos seis anos seguintes, Money e os Hampson estudaram 131 andróginos, entre bebês e adultos. Pesquisador e redator dos relatórios publicados pela equipe, Money observou um fato impressionante em pessoas diagnosticadas com a mesma ambigüidade genetal e formação de cromossomos, mas que foram criadas como sendo do sexo oposto: mais de noventa e cinco por cento tiveram um desenvolvimento psicológico muito bom, que tivessem sido criadas como meninos ou como meninas. Money chamou esses pacientes de pares combinados, achando que provavam que o principal fator na determinação da identidade de gênero de uma criança andrógina não era a biologia, mas a forma como ela era educada. Ele concluiu que essas crianças nasciam sem qualquer diferenciação de sexo em termos psicológicos e formavam um conceito de si mesmas como masculinas ou femininas apenas através da educação (Colapinto 2001: 50-51).

A partir dessa tese, os cirurgiões e endocrinologistas do Johns Hopkins encontra-

ram subsídios para alterar, por meio de cirurgia e administração de hormônios, o sexo de recém-nascidos/as identificados/as como hermafroditas. As cirurgias iam desde a redução de clitóris muito grandes em meninas com características andróginas até a mudança total do sexo em meninos andróginos nascidos com pênis não desenvolvido. Em decorrência da tecnologia cirúrgica disponível, as conversões menino-menina garantiam maior probabilidade de sucesso na construção de uma vagina sintética do que um pênis artificial (Colapinto 2001).

Marisa Correia (2004: 7) ao denunciar a forma cínica como a classe médica da época priorizou essa forma de conversão, exemplificou um ditado médico utilizado em várias publicações direcionadas à questão, isto é, “[...] é mais fácil escavar um buraco do que erigir um poste”. Com relação à facilidade de se construir um corpo feminino cirurgicamente, Butler (2006) teceu uma incisiva crítica a Money que, na verdade, concebia a feminilidade como algo inferior ou pouco menos que um processo cirúrgico, uma eliminação, um cortar. De certa forma, reafirmavam-se os princípios hierárquicos que desde a Antiguidade atribuíram formas de valorização diferenciada, inferiorizando o feminino em relação ao masculino.

Embora tenha partido dos estudos sobre os andróginos, Money dedicou suas preocupações a uma série de pesquisas sobre o desenvolvimento sexual em seres humanos considerados normais, buscando solucionar um dos mais longos debates na ciência: é a natureza ou a educação que forma nossa identificação sexual? Com isso, a “teoria da neutralidade psicosexual congênita dos andróginos” foi generalizada e ampliada para todas as crianças, até mesmo aquelas isentas de irregularidade biológica (Colapinto 2001). Ressaltamos, com isso, nossa segunda escrita de si.

Nasceram em 1965 os gêmeos univitelinos Brian e Bruce na família Reimer. Oito meses depois, ao realizarem uma cirurgia de retificação da fimose, em decorrência de um acidente médico, Bruce teve a maior parte de seu pênis cauterizado. Seus pais ficaram desesperados com a situação e, ao tomarem conhecimento e serem convencidos por Money sobre a “teoria da neutralidade psicosexual”, autorizaram a alteração do sexo de Bruce, que passou, a partir daí, a ser educado como menina: Brenda (Colapinto 2001; Butler 2006).

Em 1967, aos vinte e dois meses de idade, Bruce/Brenda teve seus testículos retirados e os médicos o/a prepararam para um posterior implante de vagina artificial. Tal procedimento cumpria as recomendações de Money de que as alterações sexuais ou realterações fossem realizadas até os dois anos e meio, uma vez que, após essa idade, a orientação psicosexual da criança perderia sua maleabilidade, pois estaria próxima da entrada no processo de constituição de identidade de gênero, que, de acordo com a teoria de Money, se definiria entre os 30 e os 36 meses de idade (Colapinto 2001; Butler 2006).

A partir de 1972, os resultados do caso Joan/John (como foi denominado por Money) foram divulgados tanto no meio científico quanto na mídia televisiva norte-americana, destacando o sucesso e a legitimidade de sua teoria de que o gênero poderia ser construído independentemente das origens biológicas do sujeito. Sua teoria foi amplamente aceita pela sociedade científica, influenciando, inclusive, o movimento feminista, que se encontrava na fase inicial. Marisa Correia (2004) argumentou sobre uma perversa utilização por Money e seus/suas seguidores/as da consagrada frase de Simone de Beauvoir de que não nascemos homens ou mulheres, mas nos construímos como tais.

[...] o debate sobre sua situação se resume à velha discussão da oposição entre *nature/nurture*: isto é, nós nascemos ou nos tornamos homens ou mulheres? Várias dessas matérias são, é claro, uma acusação ao movimento feminista, que teria

recebido com louvor a proposta de Money nos anos sessenta do século passado, e desta forma ignorado o ‘chamado’ da biologia (Correia 2004: 4).

Várias informações do caso Joan/John foram, contudo, omitidas. Brenda, aos nove anos de idade, evidenciou seu interesse por brinquedos socialmente masculinos, como pistolas, carrinhos e outros. Apresentava outras manifestações comuns a meninos, uma delas o fato de urinar de pé. Passou, em seguida, a recusar os acompanhamentos de Money, que se utilizava de vários métodos para educá-la no feminino, como, por exemplo, sugerir que ela e seu irmão visualizassem suas genitálias e, também, representassem o coito heterossexual. Um dos pontos máximos de sua recusa ao tratamento aconteceu quando Money e a equipe médica insistiram que realizasse o implante definitivo de vagina e, também, recebesse novas ingestões de hormônio feminino. Mesmo confirmado o engano realizado na readequação sexual de Bruce/Brenda, Money e sua equipe prosseguiram divulgando o “equivocado” êxito de sua teoria (Colapinto 2001; Butler 2006).

Com o passar do tempo, Bruce/Brenda teve acesso ao pesquisador Milton Diamond, que, desde 1958, investigava o papel dos hormônios no ciclo do desejo sexual, assim como na sua diferenciação. Diamond denunciava o risco de adotar a teoria da neutralidade psicosssexual de Money como justificativa para as cirurgias em crianças com genitálias ambíguas, bem como outras deformidades da genitália externa. Devido à grande repercussão e aceitação da teoria de Money, os estudos de Diamond pouco foram evidenciados pela classe científica. Aos catorze anos, acompanhado pela equipe médica de Diamond, Bruce/Brenda passou por um processo reversivo, submetendo-se à ingestão de hormônios masculinos, extraíndo os seios e, por volta dos dezesseis anos, submeteu-se ao implante de pênis artificial. Tornou-se David Reimer, contrariando todas as ameaças feitas a ele por Money, quando lhe dizia que deveria se submeter ao implante vaginal e se tornar socialmente mulher para que não terminasse sozinho, desamparado e, sobretudo, isento de “amor” (Colapinto 2001; Butler 2006).

David recusou a norma científica que insistia em determinar seu gênero ideal e assumiu a autonomia sobre seu corpo. Segundo ele, parafraseado por Butler (2006: 100): “[...] era um homem nascido homem, castrado pela medicina e feminilizado pelo mundo psiquiátrico, o que lhe permitia voltar a ser quem era”. Butler (2006) definiu essa argumentação como um processo de des-subjugação da política de verdade, por colocar em operação a crítica de si mesmo enquanto sujeito. Nesse caso, mobilizado pela recusa do que a classe médica de Money interpretava como “amor”. Para David, isso ultrapassava os limites da verdade da norma imposta a ele pela sexologia.

Retomamos aqui a questão do desejo como o dismantelador de prerrogativas científicas objetivamente definidoras do humano. David, por intermédio de seu desejo, desestabilizou as raízes do conhecimento científico de um solo que, na verdade, era movido. Da mesma forma, sua história ressaltou a frieza da ciência perante o sofrimento humano (Nietzsche 2003), uma vez que, como Herculine Barbin, David também não resistiu e colocou fim à sua vida. Butler (2006) ressaltou que David não se via nem como humano, nem como não humano.

[...] ele é o ser humano em seu anonimato, aquele que não sabemos como nomear, aquele que marca os limites de toda a ação de nomear. Neste sentido, David representa o anônimo – e, mais grave – a condição do humano que interpela a si mesmo desde os limites do que acreditamos saber (Butler 2006: 112).

Os registros de seu suicídio em 2004 anunciaram como causa uma possível insatisfação em decorrência da morte de seu irmão, Brian, dois anos antes de sua morte, o

desemprego e a separação de sua mulher. Contudo, Butler (2006: 112) exaltou uma questão que sempre esteve presente em sua vida: “Poderia sobreviver em seu gênero?” Essa questão permitiu à autora concluir que, evidentemente, sua vida se resumiu a apostas e riscos, nos quais as normas governantes do que seria considerada uma vida humana respeitável, reconhecida e sustentável não apoiou, de forma contínua e sólida, sua existência.

As biografias de Herculine e David elucidaram formas não aceitáveis de constituição do humano, demarcadas pelas marcas e vivências do corpo que não param por aí. Chamam à discussão, meio que entrelaçadas, outras dimensões dessas constituições, dentre elas a questão da transexualidade, da travestilidade e, também, a vivência da sexualidade concebida historicamente como transgressora, a homossexualidade. Jorge Leite Junior (2008) argumentou que, ao contextualizar como o/a hermafrodita era concebido do mundo antigo à modernidade, constatou que, enquanto temática, a ambiguidade sexual e de gênero permaneceria

[...] como questão de fundo para os limites filosóficos, sociais e, cada vez mais, fisiológicos entre homens e mulheres. Igual a um portento causador de espanto, medo, curiosidade, receio e desejo, a figura do hermafrodita/ andrógino será uma constante que atravessará épocas e territórios dentro do que se convencionou chamar de cultura do Ocidente (Leite Junior 2008: 36).

Nesse espaço de atravessamento nasceu a ideia de “inversão”, desencadeando, de forma gradativa, a instituição das identidades políticas homossexuais, bissexuais, gays, lésbicas, travestis, transsexuais, crossdressers, intersexos e outros (Leite Junior 2008).

Na verdade, David passou por um processo duplamente transexualizador, mesmo não sendo transexual. Primeiro, de Bruce para Brenda; depois de Brenda para David. Foi autônomo sobre si somente na segunda fase. Possivelmente, o que livrou Herculine de ter sido submetida a um processo similar foram as precárias condições científicas da época e a forma como as transgressões do gênero e das sexualidades eram compreendidas naquele período. A homossexualidade passou a se referir a um tipo de pessoa distinta, a uma espécie, somente após a consolidação das sociedades industrializadas ocidentais, o que não acontecia antes do século XIX. Existiam as práticas homossexuais, mas não a preocupação em atribuir um nome específico aos sujeitos que a vivenciavam (Weeks 1999).

Apesar das angústias desencadeadas em nós por essas biografias, sentimo-nos um pouco esperançosos quando conhecemos a história de Agnes, por exemplo. Moça de aparência feminina que possuía uma genitália masculina que, em 1958, procurou o doutor Robert Stoller (seguidor da teoria de Money) e o convenceu de que era uma mulher nascida num corpo parcialmente masculino. Convencidos de que se tratava de uma hermafrodita, a equipe de Stoller realizou, sem saber, uma das primeiras cirurgias de transexualização, uma vez que, ao nascimento, Agnes foi identificada como do gênero masculino, mas ingeria estrogênio receitado para sua mãe desde os doze anos de idade, construindo, pouco a pouco, um corpo plasticamente feminino (Correia 2004).

Ora conhecemos que, desde a década de 50 do século XX até os dias atuais, a efetivação de um processo de readequação sexual, tanto masculino quanto feminino, exige um longo e desgastante processo jurídico, médico e psiquiátrico para que realmente se comprove que o gênero com o qual a pessoa se identifica não se encontra em consonância com o sexo biológico com o qual nasceu. Exige-se a comprovação definitiva de um “Transtorno de Identidade de Gênero” que autorize, na maioria dos casos, a intervenção cirúrgica que, nos parâmetros médico-legais, demarca a legitimidade do gênero transexual (Butler 2006; Bento 2008).

Agnes ludibriou a equipe médica de Stoller e demonstrou que a ciência, acostumada a ditar normas possíveis de existência do humano, ainda detém pouco domínio das verdades que sustenta como universais. Por outro lado, esse saber não impediu que a ciência determinasse a diversas Herculines e Davids a insignificância de suas humanidades em decorrência da incompatibilidade entre suas marcas corporais e seus gêneros de identificação. Isso coincide com um “Pouco saber para muito poder”, assim como descrito por Bento (2008), quando analisou as inscrições médico-jurídicas que determinam as possibilidades de constituição de um/a “transexual de verdade”².

Nessa perspectiva, outra questão nos instigou: a ciência conseguirá decifrar esses sujeitos que nasceram biologicamente apresentando um sexo masculino ou feminino e que somente encontraram sentido para sua existência quando passaram a compartilhar diversos elementos predeterminados ao gênero oposto? Em relação às travestis, interpretamos a ambiguidade de seu gênero como a ênfase de sua construção do humano, sobretudo pelo fato de boa parte delas se interpretarem como pertencentes ao universo feminino, sem que a presença de uma genitália masculina lhes cause, na maioria das vezes, desconfortos (Silva 1993, 1996; Peres 2005; Kulick 2008). Seriam as travestis, talvez, “intersexuais às avessas”, já que a ambiguidade do sexo que identificaria uma pessoa como hermafrodita – de acordo com os parâmetros médicos e legais do século XIX –, não se encontra biologicamente demarcada em seus corpos, mas numa dimensão mais ampla, no seu gênero, dando sentido subjetivo à sua existência pela via do desejo?

4 - FRONTEIRAS, POSICIONAMENTOS E DISSIDÊNCIAS: FERNANDA DE ALBUQUERQUE E JOÃO NERY

As questões descritas anteriormente tornaram-se emergentes ao conhecermos a autobiografia de Fernanda Faria de Albuquerque, a Princesa. Para ela, o futuro se constituía uma dimensão proibida em relação a uma mulher aprisionada num corpo de homem, cuja normalidade sonhada resumia-se a uma miragem de uma realidade vivida à noite e às margens da sociedade. Uma ambiguidade que a acompanhou desde sua infância, no Nordeste brasileiro, até as calçadas da Europa e que distorceu, confundiu e colocou em suspensão fronteiras que insistem em posicionar travestis e transexuais como categorias distintas, uma vez que ambas buscam para si o reconhecimento de um gênero que não foi legitimado pela biologia do corpo ao nascimento.

Fernanda constrói sua identidade feminina contra todas as certezas anatômicas. Fabrica para si um corpo de mulher com hormônios e silicone. O corpo com o qual ela sempre sonhou conquistado com peças avulsas, sob medida para penetrar no imaginário masculino. “Uma mulher com pênis, eu sei”, diz ela. Um hermafrodita. Imagem mitológica que apela à nossa nostalgia de uma unidade perdida. Divina. Inquietante, e algumas vezes, monstruosa na visão profana. Os [as] travestis traem a lógica dualista que dividiu o mundo em masculino e feminino (Byington 1995: 10).

2 Bento (2008) discorreu sobre os aparatos técnicos e teóricos pelos quais o campo médico e jurídico define a possibilidade de concretude de uma identidade transexual, resultando na autorização para que a pessoa passe pelo processo transgenitalizador e na autorização para a realização da cirurgia de redesignação sexual e, possivelmente, alteração documental. A autora analisou o *Manual de Diagnósticos e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM)*, a *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10)* e *Normas de Tratamento da HBIQDA (StateofCare/SOC)*.

Fernanda nasceu em 1963, na cidade de Lagoa Grande, no estado da Paraíba. Filha de Cícera e Manuel - falecido antes do seu nascimento. Aldenor, Alaíde e Adelaide, seu irmão e irmãs se casaram e migraram para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Passou sua infância com a mãe, que almejava que se tornasse militar. O gênero feminino, entretanto, dizia mais de si, o que em todos os momentos de sua infância e adolescência causava distorções diante das normatizações do gênero e das sexualidades (Albuquerque; Jannelli 1995).

Na maioria das situações vivenciadas, não encontrava protetores/as ao transgredir as normas de gênero. Estava o tempo todo exposta a mecanismos de vigilâncias e punições expressadas em forma de agressões verbais e físicas. Ora por Cícera, quando, por exemplo, a flagrou diante do espelho com seus primeiros peitos construídos com cocos, como descrito por ela: “duas metades de um coco foram meus primeiros peitos” (Byington 1995: 10). Nesse flagrante, levou uma surra.

Fernanda contestou a teoria da supremacia da educação em relação a fatores biológicos na constituição do gênero instituída por John Money e que até hoje ainda mantém seus resquícios. Afinal, foi educada sob orientações para se constituir como gênero masculino e heterossexual. Ou seja, como Herculine, David e Agnes, Princesa também desobedeceu as normas determinadas pela ciência do humano.

Acreditamos que nem a ciência ou qualquer outra corrente de pensamento que tenta compartimentar as vivências sociais consiga oferecer uma resposta suficientemente “verdadeira” para essa conjuntura. Dito isso, percebemos as travestis e os/as transexuais, ou pessoas que compõem o universo trans (Benedetti 2005), subsidiado nas contextualizações de Butler (2003: 24), para quem o gênero é entendido como uma construção cultural. Isso nos abre espaço para pensá-lo como a interpretação múltipla do sexo, ou ainda dos significados culturais assumidos pelos corpos sexuados, não decorrendo de um sexo propriamente dito, mas considerando que “[...] a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos”.

Fernanda nos oferece subsídios para a compreensão dessa descontinuidade. Ao fugir da Paraíba, aos 19 anos, residiu em diversas capitais. Inicialmente, foi para João Pessoa, onde passou a interpretar-se definitivamente no feminino. Em seguida, foi para Recife e, depois, para Natal, local onde iniciou seu processo de transformação, com a ingestão de hormônios femininos e aprendizados mais específicos sobre o comportamento feminino, auxiliado pelas prostitutas do bordel no qual residia e trabalhava esporadicamente fazendo alguns programas (Albuquerque; Jannelli 1995).

Em Salvador, recebeu o título de Princesa da cozinha pelo dono do restaurante no qual trabalhava. Com esse nome, passou a ser identificada também nas calçadas de todos os lugares por onde transitou. Em 1985, aos 22 anos, no Rio de Janeiro, submeteu-se a aplicações de silicone nos quadris e implante de prótese de silicone nos seios. A Princesa estava construída, inspirada na atriz brasileira Sônia Braga (Albuquerque; Jannelli 1995).

Em São Paulo, o tumulto desencadeado pela epidemia da AIDS na década de 1980 passou a comprometer a vida das travestis que se prostituíam no Brasil, expostas todo o tempo à violência e a tentativas de extermínio. Na Europa, “não se matava na rua”, disseram à Princesa. Tornou-se, portanto, seu novo destino. Princesa partiu para Madri e depois transitou por regiões da Itália, alimentando o sonho de retornar à cidade materna e mudar de vida, com dinheiro na bolsa e sua integridade reconhecida. Voltou ao Brasil, visitou a mãe, familiares e amigos/as, mas, no retorno à Europa, não conseguiu se livrar das drogas e da bebida, vícios que adquiriu no antigo mundo, além da AIDS. Em 1994, estava encarcerada na prisão de Rebbia, Roma. Foi condenada a seis anos de prisão em função da prostituição e tentativa de homicídio.

Princesa interpretava sua existência como num mundo definido por uma certeza:

homens se localizam de um lado e mulheres, de outro. Em seguida, contestou “e eu?” A resposta encontra-se na sua definição de transexual como sendo três sexos. Nesse sentido, “Princesa é uma soma” (Byington 1995: 14). O que seria essa soma? Entrelaçamentos? Deslizamentos? Conexões? Todas essas possibilidades nos parecem claras ao determos na história de Fernanda, assim como nas de Agnes, David e Herculine, levando-nos a pensar numa estreita relação entre esses personagens e vertentes do conhecimento pertencente ao campo das teorias pós-críticas. Essas vertentes do conhecimento parecem nos oferecer caminhos que possibilitassem compreensões mais satisfatórias sobre a constituição do humano nas diversas dimensões que o envolvem e compõem.

Tomaz Tadeu Silva (2007) enfatizou que as teorias críticas devem combinar com as teorias pós-críticas para nos auxiliar na compreensão dos processos estabelecidos a partir das relações de poder e dominação que nos têm constituído historicamente. Desse modo, apreendemos que, correlacionada às teorias críticas, as teorias pós-críticas proporcionariam ampliação e modificação de seus ensinamentos ao incluir o campo de análise outros processos de dominação, tais como raça, etnia, gênero e sexualidade.

Dentre os movimentos que compõem as teorias pós-críticas, o pós-estruturalismo parece-nos o de maior acuidade, pois nos possibilitaria delinear a forma como a representação se liga à identidade e à diferença. Com isso, a representação pode ser entendida como um sistema de significação linguística e cultural responsável por atribuições de sentido que se configuram de forma arbitrária, indeterminada e conectada a relações de poder, proporcionando, assim, a noção de existência e sentido da identidade e da diferença, inferindo, da mesma forma, na constituição do sujeito (Silva 2000). Nessa perspectiva:

As travestis, ao investir tempo, dinheiro e emoções nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como um mero suporte de significados. O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos (Benedetti 2005: 55).

Pensar no corpo como instrumento de construção do sujeito nos remete a Princesa, ao se interpretar como:

Uma mulher com pau, eu sei. Mas o que eles não veem é o que não convém ver. E eu os ajudo. Dou garantias. Sei escondê-lo com habilidade e experiência sob a minissaia. Apertado em calcinhas elásticas. Minguado pelos hormônios. Minguado de tal modo que só quem procura encontra. (Sei que talvez não seja assim. Muitos sabem, percebem. Veem e mesmo assim se comportam como se eu fosse toda mulher. E este “como se” para mim é muito. Talvez tudo. Embaraçado com a situação, a maioria prefere confiar na aparência convencional: peitos, bunda, tudo no lugar, então, senhorita. Na praia e no restaurante. Para mim a vida é outra) (Albuquerque; Jannelli 1995: 82).

Para Princesa, compreender-se e ser compreendida “como se fosse toda mulher” possibilitava-lhe a imersão e o reconhecimento como pertencente ao universo feminino, confirmando que a “[...] travesti subverte inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos interno e externo, e zomba efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade do gênero” (Butler 2003: 195). Com isso, o gênero torna-se, possivelmente, uma aproximação do que a cultura descreveu como ser homem ou mulher, e não uma certeza da veracidade dessas dimensões, fazendo emergir desafios

e confusões nos processos de construção dessas vivências.

É nessa vertente do desafio e da confusão que João Walter Nery passou a interpretar a construção de seu gênero. Em junho de 2010, reuniu-se durante três dias em Niterói-RJ com três amigos trans-homens (Darcy, Davi e Amadeus), para conhecerem e discutirem sobre as dimensões da transexualidade masculina em que se identificavam. Nery (2011) concluiu que a busca de uma coerência sexo/gênero, fundamentada numa perspectiva heterossexual, seria a luta de todos eles durante suas vidas. O sofrimento vivido em função do não enquadramento os conduziu à necessidade de encontrar um modelo ou padrão de aceitação social. Suas conclusões coincidem com a argumentação de Foucault (1999: 29), para quem somos submetidos à verdade que se representa como a norma e o discurso verdadeiro, decidindo, veiculando e impulsionando efeitos de poder: “Final de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”.

Nessa vertente, o sofrimento pelo não enquadramento também levou Nery a resignificar sua compreensão, acreditando, em seguida, que seus amigos transexuais e ele teriam desenvolvido orientações sexuais particulares, dentro de um universo de possibilidades. Partilhavam de uma atração afetivo-sexual pelo gênero feminino, mas nunca se sentiram uma mulher. A instabilidade identitária, o confronto das normatizações do gênero e das sexualidades passaram a fazer parte das interpretações de Nery sobre si e, concomitantemente, de sua constituição na dimensão humana.

As cirurgias e hormônios tinham me aberto mais, permitindo-me conservar valores aprendidos no mundo das mulheres. Tornaram-me um homem feminino, sem ser efeminado. Felizmente, a testosterona não havia me dado a agressividade exacerbada. A minha virilidade, contraditoriamente, passou a servir, também, como um instrumento, para que agora pudesse combater o mundo heterocentrado, patriarcal, no qual os poderes dominantes impedem os vários potenciais de vida. Havia descoberto que há várias masculinidades diferentes e que são construídas também pelas tecnologias da cultura dominante. Fazia questão de continuar dócil e afetivo (Nery 2011: 324).

Nery nasceu em 1950, no Rio de Janeiro. Suas marcas corporais o identificaram e o levaram a ser educado como uma menina: Joana. Seu pai, comandante de avião, e sua mãe, professora. Três irmãs. “Éramos quatro, sendo eu o terceiro e único filho” (Nery 2011: 29). Viveu uma infância marcada por conflitos, em função da incoerência entre o que a cultura lhe impunha como verdades do seu gênero e o que realmente sentia. Descreve que seu corpo mentia contra o que realmente era: “Quando era pequeno e ouvia todos referindo a mim como ‘ela’, concertava mentalmente para ‘ele’. Não havia possibilidade de manifestar a minha reprovação. Caso o fizesse, iriam me achar louco” (Nery 2011: 205).

Na adolescência, esses conflitos se ampliaram, em função das transformações corporais que denunciavam o florescer de marcas de um gênero incompatível, o qual Nery buscava ajustar através das práticas esportivas intermitentes, com o intuito de torná-lo másculo, mais próximo de uma imagem masculina. Contudo, os seios cresciam e a “monstruação” – expressão utilizada por ele – descia, resultando em angústias e desesperos. Coursou Psicologia, período em que deixou a casa dos pais e passou a residir com sua primeira mulher, e trabalhava como motorista táxi. Neste espaço de tempo, vivenciou ensejos do universo masculino, ainda que, algumas vezes, se percebesse como uma figura ambígua, estando seguro de que: “Viver dois gêneros numa vida só era enlouquecedor” (Nery 2011: 129). Seria como a descrição de David, feita por Butler (2006), como sendo

um ser humano que representa o “anônimo” e com uma questão também presente em sua vida: “Poderia sobreviver em seu gênero?” (Butler 2006: 112).

Após se graduar, tornou-se professor universitário, atuando durante quatro anos. Já tinha conhecimento do processo transgenitalizador que acontecia no exterior. Teve acesso a uma equipe médica no Rio de Janeiro que iniciava pesquisas nessa área. Aderiu ao programa como cobaia, passando por todos os processos necessários, com o intuito de se submeter à cirurgia de readequação sexual. Por intermédio da equipe do Rio de Janeiro, chegou até o Dr. Farina, em São Paulo, que realizou as primeiras cirurgias de mudança de sexo no Brasil, ainda que viesse, anos depois, a responder legalmente em função disso. Farina concordou em realizar as cirurgias em Nery, alertando-o da complexidade do processo para transexuais masculinos, comparado à transexualidade feminina (Nery 2011).

Um dos obstáculos encontrados por Nery foi o laudo psiquiátrico, que o médico da equipe carioca negou, depois de mais de um ano de acompanhamento, justificado pelo medo de correr o risco de ter seu diploma caçado na existência da ilegalidade do processo e, também, por não acreditar seguramente na existência da transexualidade. Com o auxílio do Dr. Farina, Nery teve acesso a outro psiquiatra, que lhe forneceu o laudo. Em 1977, realizou, em São Paulo, a primeira cirurgia que seria uma preparação de seu corpo para as que se seguiriam (Nery 2011).

No retorno ao Rio de Janeiro, deu início ao tratamento de hormonoterapia. Não prosseguiu com as cirurgias seguintes. Primeiro, em razão processos judiciais que Dr. Farina enfrentou nos anos seguintes, impedindo-o de dar andamento ao processo cirúrgico; em segundo, pela precariedade dos resultados finais em que o processo transgenitalizador masculino se encontrava. Nos primeiros anos do século XXI, pouco se evoluiu neste campo, permanecendo as cirurgias para readequação sexual de transexuais masculinos ainda em estágio experimental. Retomamos aqui as críticas de Correia (2004) e, principalmente, Butler (2006) sobre o precário avanço tecnológico nessa área específica, atribuindo, como especificado linhas atrás, à feminilidade algo de inferior ou pouco menos do que um processo cirúrgico, uma eliminação, um cortar.

Sobre Nery, parece-nos evidente e importante destacar que aquela aproximação com o gênero masculino que havia conquistado parecia bastar-lhe, ou, talvez, remetendo à história de Princesa, a efetivação de um “como se fosse...” desencadeado pelo processo cirúrgico inicial e os resultados do tratamento com hormônios. Aos 30 anos de idade, Nery conseguiu retirar outra certidão de nascimento com seu nome masculino. Assim como David, e também Princesa, a vida de Nery se resume a apostas e riscos, perdas e ganhos (Butler 2003), evidentemente expressos em suas palavras quando conta da retirada de seu certificado de reservista em uma cidade no interior do país. Acontecia o processo definitivo de metamorfose de Joana para João:

[...] estava eu, perfilado, diante da bandeira do Brasil e, enquanto prestava juramento de servir ao meu país em caso de ameaça externa, pensava que, enquanto Joana, eu era psicóloga, fazia mestrado, dava aulas em três universidades e mantinha um consultório repleto de clientes. Agora, como João, tinha perdido todo o meu currículo escolar e de vida. Era um analfabeto sem direito aos anos de trabalho em carteira. Não entraria na justiça porque haveria a exigência do término cirúrgico e não correria o risco de ficar à mercê dos juízes, cuja maioria continuava preconceituosa e ignorante sobre a questão da transexualidade (Nery 2011: 234).

Sua nova identidade implicou novos rumos para sua vida. Trabalhou numa usina de concreto, como lavrador, vendedor, confeccionista, artesão, terapeuta corporal, professor de informática e até professor universitário temporário, depois de 25 anos dis-

tante da docência. Desde a adolescência, o poeta e o escritor nunca deixaram de existir. Tornou-se, também, um pai transexual (Nery 2011).

Concluindo a história de Nery (2011), um dos aspectos mais interessantes nos parece quando, em sua velhice, reflete sobre a relação culturalmente imposta entre masculinidade e virilidade, pautada no pênis e, sobretudo, em sua função erétil. Tal relação reflete e determina os limites de uma masculinidade reconhecida ou ameaçada, concebendo historicamente o valor social do homem enquanto macho. Nery (2011) conta de ter se interpretado, por muito tempo, como um inválido sexual, necessitando de artifícios para a conquista do prazer, questionando, agora, se os significados culturais não seriam o real problema, uma vez que os mecanismos de normatização do gênero e das sexualidades reduzem muitas vezes o ser homem e ser mulher a um critério clínico. A tríade sexo-gênero-sexualidade ressaltava-se nessa argumentação, denunciando a fragilidade da divisão binária dos sexos, assim como a insuficiência de elementos que consigam explicar objetivamente o desejo humano.

Com isso, articulando à abordagem foucaultiana da arqueologia do saber, as trajetórias de vida dos/as personagens descritos nesse estudo, em especial de Fernanda de Albuquerque e João Nery, levantam indícios de que não é o sujeito cognocivamente que produz o saber, na verdade o sujeito é produzido pelo saber no qual está imerso. Em outras palavras, o sujeito está assujeitado ou “sujeita-se ao saber” (Foucault 2000).

Por outro lado, esses assujeitamentos, em diversos momentos, elucidam paralelamente processos de resistência dos sujeitos ao preestabelecido, colocando em suspensão os princípios de normatização do humano, no que se refere à construção do gênero e vivência das sexualidades, contribuindo para o entendimento das possibilidades deslizantes de construção do humano que emergem na contemporaneidade.

5 - CONSIDERAÇÕES

Essas vidas por nós descritas convergem para a afirmativa de que a construção do humano consagra-se como uma das questões mais efervescentes na contemporaneidade, surgindo a necessidade de compreensão e problematização dos aspectos históricos e culturais que se entrecruzam na constituição social dos sujeitos. Sustentando-nos em Guacira Louro (1997; 1999), consideramos que os diversos elementos que compõem o humano não consistem de categorias dadas, acabadas ou fixas, num determinado momento. São categorias “construídas”, instáveis e passíveis de transformação; vivências sociais que, de formas múltiplas e distintas, constituem os sujeitos que são interpelados por diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais.

As histórias de Nery, Fernanda, Agnes, David e Herculine nos instigaram a pensar um conceito de gênero e de vivência das sexualidades que não se distancia daqueles construídos e em construção por diversos estudos pós-críticos. Inserimo-nos também neste movimento permanente de análise e reflexão das possibilidades de construção do humano. Como isso, o gênero torna-se um fenômeno potencializado no início da década de 1970, representado principalmente por um grupo de estudiosas anglo-saxãs. O movimento feminista começou a utilizar o termo gênero (referente ao termo inglês *gender*) em suas lutas políticas contra as desigualdades sociais existentes entre homens e mulheres. Segundo Dagmar Meyer (2003), apesar da introdução do termo gênero ter causado controvérsias e debates pelo receio de sua inclusão causar a invisibilidade do sujeito de luta feminista (as mulheres), diversas correntes feministas foram aderindo à sua utilização, mas empregando múltiplas e convergentes definições para o conceito:

De forma genérica, no entanto, pode-se dizer que as diferentes definições convergiam em um ponto: com o conceito de gênero pretendia-se romper a equação na qual a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria “naturalmente” correspondente resultava em diferenças inatas e essenciais, para argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas, e não biologicamente determinadas (Meyer 2003: 15).

Distante da relação sexo-gênero como definidora das representações e valores sociais, atribuindo uma hipervalorização do masculino sobre o feminino, sustentado sob as inscrições biológicas dos corpos que foi construída historicamente, nossa compreensão do gênero é de que ele seja um processo de encontros, (re)encontros e, se necessário, afrontamentos dos significados sociais e culturais elaborados ao longo da história, definidores dos universos possíveis à construção do masculino e do feminino. Seriam devires de masculinidades e/ou feminilidades, a tentativa de composição de um sujeito-significado em que, impulsionado por seu desejo, se aproxime da melhor forma do se reconhecer e ser reconhecido como homem, mulher, ambos ou nenhum deles. Não diferente, as vivências da sexualidade assumem dimensões múltiplas e contraditórias aos princípios heteronormativos, exaltando um caráter ambíguo, fluido e desconstrutivo (Louro 2004).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias; JANNELLI, Maurizio. 1995. *Princesa*: depoimento de um travesti brasileiro a um líder das brigadas vermelhas. Trad. Elisa Byington. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. 2008. *A Bela ou a Fera*: os corpos entre a identidade da anomalia e a anomalia da identidade. V COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT: “Por uma vida não-fascista”, Campinas-SP, UNICAMP. Não publicado. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/a_bela_ou_a_fera.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.
- ANDRADE, Daniel Pereira. 2007. Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine-BarbIn: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 19, n. 2: 233-252, Nov. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n2/a09v19n2.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2010.
- BENEDETTI, M. 2005. *Toda Feita*: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond.
- BENTO, Berenice. Alves de Melo. 2008. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos).
- BRITZMAN, Deborah P. 1999. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica: 83-112.
- BUTLER, Judith P. 2008. *Cuerpos que importan*: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. 2. ed. Buenos Aires: Paidós.
- BUTLER, Judith P. 2006. *Deshacer el género*. Trad. Patricia Soley-Beltran. Barcelona: Paidós.
- BUTLER, Judith P. 2003. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão de identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BYINGTON, Elisa. 1995. Prefácio. In: ALBUQUERQUE, Fernanda Farias; JANNELLI, Maurizio. *Princesa*: depoimento de um travesti brasileiro a um líder das brigadas

- vermelhas. Trad. Elisa Byington. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 7-14.
- COLAPINTO, John. 2001. *Sexo Trocado*: a história real do menino criado como menina. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CORREIA, Marisa. 2004. *Não se nasce homem*. Trabalho apresentado no ENCONTRO “MASCULINIDADES/FEMINILIDADES”, nos “Encontros Arrábida 2004”, Portugal. Não publicado. Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/Arrabida.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2010.
- CORRÊA, Marilena C. D. V.; ARÁN, Márcia. 2008. Tecnologia e normas de gênero: contribuições para o debate da bioética feminista. *Bioética*, n. 16, v. 2: 191-2068. Disponível em <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/67/70>. Acesso em: 15 dez. 2013.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. 2007. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed.: 15-40.
- FOUCAULT, Michel. 1990. As ciências humanas. In: FOUCAULT, Michel.. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma TanusMuchail. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes: 361-404.
- FOUCAULT, Michel. 2000. Ciência e saber. In: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária:201-222.
- FOUCAULT, Michel. 1999. *Em defesa da sociedade*: curso no collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. 1982. *Herculine Barbin*: o diário de um hermafrodita. Trad. Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves.
- GALLO, Sílvio. 2000. Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. *O sentido da escola*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A: 17-41. (Coleção o Sentido da Escola).
- GOELLNER, Silvana Vilodre. 2003. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes: p. 28-40.
- HOUBRE, Gabrielle. 2009. Um sexo impensável: a identificação dos hermafroditas na França do século XIX. Trad. Débora El-Jaick de Andrade. Revisão da tradução: Mariana Joffily. *Traduções*. ano X, n. 21: 20-32, 2º. Sem. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/issue/view/322/showToc>>. Acesso em: 05 jul. 2010.
- KULICK, Don. 2008. *Travesti*: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Trad. Cesar Cordon. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- LAQUEUR, Tomas Walter. 2001. *Inventado o sexo*: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. 2008. “*Nossos Corpos Também Mudam*”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. 230f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- LOURO. Guacira Lopes. 2004. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: América.
- LOURO. Guacira Lopes. 1997. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LOURO. Guacira Lopes. 1999. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO. Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica: 07-34.

- MEYER, Dagmar Estermann. 2003. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 9-27.
- NERY, João Walter. 2011. *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya.
- NIETZSCHE, Friedrich. 2003. *Escritos sobre a educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Ed. PUC-Rio.
- PERES, Wiliam. 2005b. Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãs. In: GROSSI, Miriam et al. (Org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond: 53-68.
- SILVA, Hélio R. S. 1996. *Certas cariocas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- SILVA, Hélio R. S. 1993. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ISER.
- SILVA, Tomaz Tadeu. 2000. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes: 73-102.
- VENEREA, Jaqueline R. 2016. *Escrita autobiográfica e biográfica: recriando trajetórias de vida*. 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- WEEKS, Jeffrey. 1999. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica: 35-84.